



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

ENTRE ATOS E MEMÓRIAS, O ENCANTAMENTO DO LEITOR

Neila Brasil Bruno
Mestranda em Letras - Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Inara de Oliveira Rodrigues
Orientadora, Prof^a. Dr^a. DLA/UESC

Resumo: A partir da concepção do ato de seleção, de Wolfgang Iser, analisamos como Monteiro Lobato escolheu elementos literários e os introduziu na narrativa *Memórias da Emília* enquanto forma de atrair o leitor. Para tanto, discutimos o conceito de memória, com base nas propostas de Phillippe Lejeune (2008), Jacques Le Goff (2003) e Maurice Halbwachs (2006), para compreendermos de que maneira Emília e o Visconde de Sabugosa rompem com o que se espera do gênero memorialístico ao tecerem as memórias. Nessa perspectiva, trabalhamos com o conceito de estilização através da proposta de Mikhail Bakhtin (1993). Os principais resultados permitem reconhecer como as seleções realizadas têm o potencial de envolver o leitor infantil, alvo preferido do autor.

Palavras-chave: Leitura. Ato de seleção. Estilização. Monteiro Lobato.

Abstract: From the starting point of Wolfgang Iser's act of selection conception, we analyze how Monteiro Lobato chose literary elements and introduced them in the narrative *Memórias da Emília* in order to attract the reader. In doing so, we discuss the concept of memory, from Phillippe Lejeune (2008), Jacques Le Goff (2003) and Maurice Halbwachs' (2006) propositions to understand how Emília and Visconde de Sabugosa break with the usual memorialistic gender by weaving their memories. In this perspective, we work with the concept of stylization through Mikhail Bakhtin's (1993) proposition. The main results allow to recognize how the selections have the potential of involving the infantile reader, preferred target of the author.

Key-words: Reading. Act of Selection. Stylization. Monteiro Lobato.

Para Wolfgang Iser, como produto de um autor, cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo. Pensando assim, podemos entender a estrutura da obra literária *Memórias da Emília*, observando o que o teórico define como ato de seleção. Trata-se de



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

um processo que implica escolhas necessárias a cada texto ficcional, seja ele de natureza sociocultural ou mesmo literária e, de certo modo, a seleção é sempre uma transgressão de limites, na medida em que os elementos acolhidos pelo texto se desvinculam da estrutura semântica ou sistemática de que foram tomados.

Segundo a teoria iseriana, os elementos que o texto literário acolhe não são em si mesmo fictícios, apenas a seleção é um ato de fingir pelo qual os sistemas, como campos de referência, são demarcados entre si, pois suas fronteiras são transgredidas: “Esta seleção é governada apenas por uma escolha feita pelo autor nos sistemas contextuais, através de seu ato de tematização do mundo” (ISER, 1983, p. 389). Assim, “ela se mostra como ‘figura de transição’ entre o real e o imaginário, como estatuto da realidade” (ISER, 1983, p. 389). Isso nos faz pensar que o ato de seleção cria um espaço de jogo, pois faz incursões nos campos de referência extratextuais, transgredindo-os ao incorporar seus elementos ao texto.

A seleção permite que “determinados sistemas de sentido da vida real se convertam em campos de referência do texto e estes, por sua vez, se transmutem no contexto de interpretações recíprocas” (ISER, 1996, p. 18). Ao selecionar campos demarcados e trazidos à percepção, o que outrora residia inerte, identificado como própria realidade, é perspectivado: “a qualidade de tornar-se perceptível, não é parte integrante dos sistemas correspondentes, pois só a intervenção resultante do ato de seleção provoca esta possibilidade” (ISER, 1996, p. 17). Analisando a obra lobatiana *Memórias da Emília* a partir da teoria iseriana, é possível afirmar que o imaginário do leitor é ativado a partir da escolha do cenário, das aventuras e das situações vivenciadas pelas personagens.

Um exemplo bem claro desse processo ocorre em *Memórias da Emília*, quando percebemos que, assim como em *A menina do narizinho arrebitado*, o sítio é o lugar da ambientação das aventuras vividas pelas personagens de Lobato. Conforme Marisa Lajolo (2007), o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode acontecer, pois ele simula igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito de obras para crianças: “Nessa medida, está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil – e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira” (LAJOLO, 2007, p. 56).

O Sítio de Dona Benta representa também o Brasil como Lobato gostaria que fosse: lugar de paz, tranquilidade onde as crianças aprendem lendo, conversando e brincando; lugar onde há comida para todos e espaço para o desenvolvimento tecnológico. Sobre essa questão, Lajolo afirma:

Todos esses aspectos assinalam e, simultaneamente, justificam a porosidade do sítio que, por decorrência, absorve o que o mundo atual criou de mais interessante e digno de ser incorporado. Este é o sentido da modernidade nessa obra, que concilia o nacionalismo com um desejo de equiparação do sítio (leia-se: de Nação) com as grandes potências ocidentais (LAJOLO, 2007, p. 58).

Deve-se perceber, entretanto, que, se o sítio reflete o contexto histórico e social de seu tempo e do ambiente rural em que se formou, é a partir dele, porém, que Lobato revela um universo mágico onde tudo pode acontecer. Os netos de Dona Benta, Emília e o Visconde, muitas vezes acompanhados de tia Nastácia, viajam até a lua, fazem passeios pela Grécia e até andam em um cometa pelos céus. Diante disso, podemos afirmar que Lobato criou um pequeno mundo completo em si mesmo. Nesse espaço, todos são livres e, por isso, vivem em plena felicidade. O sítio, não poucas vezes, também funciona como uma escola, onde os leitores aprendem Geografia, Matemática, Gramática e outros assuntos. Nesse sentido, são pertinentes as palavras de Laura Sandroni: “a obra de Lobato educa no sentido etimológico da palavra (*ex-ducere*: conduzir para fora). Sua mensagem está sempre aberta a discussões. Sua palavra propõe uma tomada de posição consciente ante todos os problemas que o afligiam” (SANDRONI, 1987, p.60).

Outro elemento que pode ser compreendido como parte do processo de seleção é a estilização do gênero das memórias. Tal perspectiva se evidencia quando observamos, na obra literária em análise, a atuação das personagens Emília e Visconde de Sabugosa, como autores das “Memórias da Marquesa de Rabicó”. O próprio termo “memórias” sublinha o caráter estilizado de reprodução do gênero.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

O conceito de estilização está vinculado ao que Bakhtin (1993) define como relações dialógicas que se realizam no espaço da enunciação. Para ele, toda a estilização verdadeira é a representação literária do estilo de outrem; porém, a linguagem assim trabalhada aparece com ressonâncias particulares, ou seja, alguns elementos são destacados; outros, deixados à margem. Desse modo, são apresentadas duas consciências linguísticas individualizadas: a que representa (a consciência linguística do estilista) e a que é para ser representada e estilizada, “à luz da qual o estilo estilizado é recriado e, tendo-a como pano de fundo, adquire importância e significação novas” (BAKHTIN, 1993, p. 159).

Pelo conceito de estilização, podemos perceber como Monteiro Lobato se aproveitou do gênero das memórias para inovar a narrativa em estudo. O autor paulista utilizou o diálogo dessas duas personagens, Emília e o Visconde, a fim de simular o gênero das memórias. Assim, torna-se relevante abordarmos o que alguns estudiosos entendem por memória.

Segundo Jacques Le Goff, em *História e memória* (2003), as profundas transformações sofridas pela memória aconteceram na Idade Média, a partir da difusão do cristianismo como religião dominante. Foi quando ocorreu um engrandecimento da memória litúrgica por meio do desenvolvimento da memória dos mortos, especialmente, dos santos. O historiador considera que somente a partir do Romantismo é que se encontra uma forma mais literária que dogmática sobre a memória e, para elucidar suas considerações, utiliza-se da tradução do tratado de Vigo feita por Michelet, por meio da qual o tradutor encontra a união entre memória e imaginação, memória e poesia.

Le Goff (2003) considera a função da memória fundamental para reconstituir a evolução do conceito de história. E, mesmo estando mais atento a questões voltadas para as memórias coletivas que as individuais, traça uma trajetória do desenvolvimento dessas desde a oralidade até o advento da escrita, evidenciando ainda que Platão e Aristóteles, os maiores pensadores gregos, entendiam a memória como um componente da alma, a qual não se manifestava no nível da sua parte intelectual, mas da sua parte sensível.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

A memória, segundo Le Goff (2003), tem como propriedade básica conservar certas informações que, por sua vez, estão ligadas a um conjunto de informações; para tanto, considera o papel que ela desempenha no mundo social e cultural. Os dados, por sua vez, estão ligados a um conjunto de informações psíquicas, que permitem aos indivíduos atualizar impressões ou informações passadas. O historiador ainda ressalta que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469). Nessa perspectiva, a memória, na qual cresce a história, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.

Partindo dos estudos de Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (2006), podemos compreender que a memória está intrinsecamente imbricada com a natureza social do homem, como também as organizações e práticas dos grupos e, por sua vez, a linguagem. O estudioso registra que os critérios da memória, isso inclui os atos de lembrar e escrever o passado, concretizam-se pelo convívio social e determinam aquilo que é memorável e que certamente deverá ser recordado. É oportuno destacar, de acordo com as concepções de Halbwachs, que todas as “interferências coletivas” correspondentes à vida dos grupos se configuram a partir da lembrança. Essa funciona como fronteira e, ao mesmo tempo limite, ou seja, reside na interseção de muitas correntes do “pensamento coletivo”. Halbwachs conclui que:

Ainda não estamos habituados a falar da memória de um grupo nem por metáfora. Aparentemente, uma faculdade desse tipo só pode existir e permanecer na medida em que estiver ligada a um corpo ou a um cérebro individual. Admitamos, contudo, que as lembranças pudessem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, do qual são imagens imparciais. Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas (HALBWACHS, 2006, p. 71).

Colaborando com os estudos sobre memória, Ecléa Bosi (1987) afirma que essa desempenha a alta função da lembrança, assegurando tal situação não porque as sensações se



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

enfraquecem, “mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se desdobram sobre a quintessência do vivido” (BOSI, 1987, p. 81). Isso significa que, a partir da memória, cresce a nitidez e o número de imagens de outrora e essa faculdade de lembrar exige um espírito desperto, ou seja, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

As ideias defendidas por Bosi revelam que a memória “é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, [...] as mais vivas recordações” (BOSI, 1987, p. 39). Esse pensamento é ratificado no seguinte trecho:

Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares. Se tais atividades nos pressionam, nos fecham o acesso para a evocação, inibindo as imagens de outro tempo, a recordação nos parecerá algo semelhante ao sonho, ao devaneio, tanto contrasta com nossa vida ativa. Esta repele a vida contemplativa (BOSI, 1987, p. 81).

Considerando que o gênero das memórias têm como ponto de partida as experiências vivenciadas pelo próprio memorialista, podemos afirmar que esse tipo de texto faz fronteira com os gêneros da autobiografia e do diário íntimo. Philippe Lejeune (2008), na tentativa de conceituar a autobiografia, afirma que essa é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). De acordo com essa definição, podemos compreender o texto autobiográfico como sendo uma narrativa de retrospectiva em prosa que um indivíduo faz de sua própria vida.

Na definição estabelecida por Lejeune (2008), entram em jogo alguns elementos que permitem identificar uma autobiografia, os quais se apresentam dispostos em quatro categorias: forma da linguagem (narrativa em prosa); assunto tratado (vida individual, história de uma personalidade); situação do autor (cujo nome remete a uma pessoa real); posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal, perspectiva retrospectiva da narrativa). De



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

acordo com o autor, é uma autobiografia toda obra que preenche a todas essas condições indicadas, sendo que seus gêneros vizinhos, tais como as memórias, a biografia, o romance pessoal, entre outros, a ela se assemelham, no entanto, não preenchem todos esses requisitos.

Ao traçar uma definição para a escrita de si, o pesquisador estabelece uma categoria para os textos do gênero, abraçando uma postura bem inovadora, já que, segundo ele, a autobiografia não pode ser definida apenas por seus elementos intrínsecos, que seriam a narração em primeira pessoa e a coincidência entre narrador e personagem. A caracterização se dá, sobretudo, a partir de um pacto estabelecido entre autor e leitor, ou seja, compreendendo a modalidade autobiográfica tanto como modo de escritura quanto de leitura, e o mesmo vale para o gênero das memórias

Interessa lembrar que a literatura centralizada no sujeito se denomina confessional e alude a textos de formas variadas: confissões, diários íntimos, relatos pessoais, autobiografia, memórias, todas com extensa tradição cultural. Começaram a definir-se enquanto gênero no século XVI, fundando-se na noção de indivíduo. Já no século XX, tornaram-se produto de consumo corrente porque estabeleceram uma união especial com leitores, permitindo uma profunda identificação com tais textos. Nessa perspectiva, Lobato possibilita, ao leitor de *Memórias da Emília*, questionar e refletir até mesmo sobre a transgressão em relação ao gênero.

De acordo com Amaya de Almeida Prado (2008), atualmente é possível encontrar textos infanto-juvenis de memórias que acompanham de perto as transformações do gênero, como acontece em *Minhas Memórias de Lobato* (2003), de Laura Sandroni, e *O Mário que não é o de Andrade* (2001), de Luciana Sandroni, textos que problematizam sua escrita, acenam para o seu desdobramento do gênero e revelam a indefinição das fronteiras entre ficção e história, a exemplo da literatura confessional consumida pelo adulto.

Monteiro Lobato, antes de abordar o gênero memorialístico em uma obra literária infantil, já havia refletido sobre a finalidade de livros denominados como *memórias*. Em *Ideias de Jeca* (1919), no conto “Antônio Parreiras”, o autor registra:



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Os velhos povos europeus de cultura bem quilotada não desdenham deste depoimento pessoal, em regra póstumos, o que lhe permite maior independência de juízo. Todo mundo por lá publica memórias – de Napoleão ao seu criado de quarto Constant. Escrevem-nas de próprio punho, se podem, ou de punho alheio, em caso contrário (LOBATO, 1919, p. 196).

A utilização de “punho alheio” se configura na narrativa ficcional *Memórias da Emília*, uma vez que a protagonista da história solicita ao Visconde de Sabugosa que escreva as suas *memórias*, enquanto ela apenas assinaria como sendo de sua autoria.

Lobato, enquanto editor, utilizou algumas estratégias para causar expectativas em seu público. Uma delas foi anunciar o lançamento de *Memórias da Emília* em seu livro *História das invenções*:

– Com essa cabecinha sua você sai pensando com uma liberdade que espanta a gente. Por isso andam todos curiosos por ler as tais ‘Memórias da Emília’, que não saem nunca. Como vão elas?

Emília toda ganjenta com o elogio, respondeu, rebolando-se:

– Vão indo bem obrigada. Mas devagar. Meu secretário (o Visconde) briga muito comigo e faz greves. Eu ordeno: ‘Escreva isto’. Ele, que é um ‘um sabugo ensinado’, escandaliza-se. ‘Oh, isso não! É impróprio’. E vem o ‘fecha’ e o livro vai se atrasando...

– E que você diz nesse livro?

– Digo o que me vem à cabeça. Vou dizendo o que quero, sem dar satisfação a ninguém, por que não sou boneca ensinada... (LOBATO, 1995, p. 44).

Emília sempre gostou de experimentar novas situações e uma das suas “invenções” seria, conseqüentemente, seu livro de *memórias*. Prova disso é que em *Reinações de narizinho*, o escritor paulista deixa transparecer que futuramente a boneca daria uma de autora: “A boneca estava pensando na vida, com ideia de virar escritora de histórias” (LOBATO, 1994, p. 161). A inteligência dessa personagem é notada e ressaltada a partir da fala de Narizinho: “Já reparou vovó, como Emília está ficando inteligente? Não é mais aquela burrinha de dantes, não...” (LOBATO, 1994, p. 158).



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Nas aventuras do sítio, Lobato deu especial destaque a Emília. Essa personagem surgiu como uma simples boneca de pano, feita pelas hábeis mãos de tia Nastácia, porém, no transcorrer das narrativas, ela passou por um processo de evolução e, de uma hora para outra começou a falar: “Fiquei falante com uma pílula que o célebre Doutor Caramujo me deu” (LOBATO, 1994, p. 10). Por essa sua importância no universo mágico do Sítio do Picapau Amarelo, a boneca é a única, dentre as personagens lobatianas, a quem o escritor conferiu um livro de memórias.

Considerando que em *Memórias da Emília* ocorre uma simulação do gênero memorialístico, retomamos aos estudos de Iser, para afirmar que o real, o fictício e o imaginário se imbricam, de modo que essa relação triádica pode ser considerada como uma propriedade fundamental desse tipo de texto. Na obra lobatiana, essa relação se acentua ainda mais, pois se trata de um registro intitulado como memórias que foge ao que se espera desse gênero, ou seja, um relato real, sobre um personagem real.

As memórias ficcionais supõem a elaboração de uma obra que, de uma forma ou de outra, simule a produção de um livro de memórias, em que a personagem relata os principais acontecimentos de sua vida, desde o princípio até o final, quando se encerram, por algum motivo, as atividades do protagonista ou do narrador. É importante evidenciarmos, de acordo com Iser (1996), que ficções não só existem como textos ficcionais, pois elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo.

Partindo para a reflexão do termo “ficção”, segundo Massaud Moisés, significa “modelar, compor, imaginar, fingir” (MOISÉS, 2004, p. 188). Esse breve conceito nos permite entender como Lobato propunha ao seu leitor essa capacidade de imaginar, através do “fingir” que se dá no texto ficcional. Percebe-se, assim, que a literatura infantil é uma modalidade de expressão que não conhece limites definidos, tornando-se bastante difícil estabelecer suas principais linhas de ação, já que essa pode englobar histórias veristas ou fantásticas, miscigenar



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

gente a animais antropomorfizados, simbolizar ou simplificar situações humanas existenciais e até misturar todas essas possibilidades num único texto.

Na introdução das *Memórias da Emília*, quando questionada por Dona Benta sobre a possibilidade de só se escrever memórias depois da morte, a boneca afirma: “O escrevedor de memórias vai escrevendo, até sentir que o dia da morte vem vindo. Então para, deixa o finalzinho sem acabar. Morre sossegado” (LOBATO, 1994, p. 6). Como não pretenderia morrer, salienta que:

As últimas palavras têm de ser estas: ‘Então morri...’ com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais é verdade da pura, da dura – ali na batata, como diz Pedrinho (LOBATO, 1994, p. 6).

No fragmento, vemos a opinião da boneca sobre o conceito de verdade. Para Dona Benta, porém, trata-se de algo complexo: “Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília” (LOBATO, 1994, p. 6). Como a boneca acha solução para quase todos os seus problemas, logo se contrapõe, argumentando que tudo na vida não passa de mentira, inclusive as memórias:

Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar a ideia de que está falando a verdade da pura (LOBATO, 1994, p. 6).

O Visconde de Sabugosa também apresenta a sua definição: “– Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco já tem coisas para contar num livro de memórias? Isso é para gente velha, já perto do fim da vida” (LOBATO, 1994, p. 8). O Visconde, antes de começar a escrever as memórias da Marquesa de Rabicó, questiona as palavras de Emília. No entanto, ela anuncia como evidente o sucesso que terão as suas memórias e, além disso, já se imaginava sendo estudada por muitos historiadores. Como sempre agiu querendo transgredir algumas



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

normas e regras, Emília pensava que as suas memórias poderiam ser um documento legado aos estudiosos que desejassem conhecer sobre a sua curta e acidentada vida:

– Ótimo! – Exclamou Emília. – Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...
– Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade?
– Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas numa cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros (LOBATO, 1994, p. 10).

Emília dá continuidade às memórias, deixando evidente a sua dificuldade para com o processo de escrita: “Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas isso de começar é terrível” (LOBATO, 1994, p. 10). Justifica a sua dificuldade sinalizando o quanto o processo de escrita de si mesmo pode ser complicado, mas segue adiante, porque, para ela, mais vale inventar. A partir de suas exigências para a confecção do livro, Emília acaba despertando a imaginação do leitor:

- Esse papel não serve, Senhor Visconde. Quero papel cor do céu com todas as suas estrelinhas. Também a tinta não serve. Quero tinta cor do mar com todos os seus peixinhos. E quero pena de pato, com todos os seus patinhos. O Visconde ergueu os olhos para o teto resignado. Depois falou que tais exigências eram absurdas; que ali no sítio de Dona Benta não havia patos, nem o tal papel, nem a tal tinta (LOBATO, 1994, p. 8).

Ao fazer essas exigências ao Visconde (um papel cor de céu e tinta cor do mar), Emília conduz o leitor a exercitar sua fantasia, por meio das imagens sugeridas a partir da caracterização do papel e da tinta a ser usada para a escrita, principalmente pelos elementos “estrelinhas”, “peixinhos” e “patinhos” que, devido ao modo como são descritos, evidenciam como o mundo da literatura possibilita a subversão da realidade concreta. Segundo Iser (1996), essa atividade pode ser denominada como “imaginativa”, pois o sujeito leitor pode tomar como real algo que é irreal.

Com todos esses ingredientes, e embora não sejam as memórias de um ser real, Lobato pretendia que o leitor entendesse essa obra literária como tal. A protagonista da história,



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

assim como nos livros memorialísticos, começa narrando alguns fatos que lembram o seu nascimento:

– Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinhos de venda (LOBATO, 1994, p. 10).

Ainda que tenha sido feita de pano, com a finalidade de ser a boneca de Narizinho, Emília passa por diversas transformações ao longo da sua existência no sítio. Aprende a falar, a andar e passa a ter sentimentos. Além de tudo, é dotada de ideias filosóficas:

– Mas falo pelos cotovelos, como elas. Só pela boca. E falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas. Inda há pouco Dona Benta declarou que eu tenho coisas de um verdadeiro filósofo. Sabe o que é filósofo Visconde?
O Visconde sabia, mas fingiu não saber. A boneca explicou:
– É um bichinho sujo, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando. Cada vez que digo uma coisa filosófica, o olho de Dona Benta fica parado e ela pensa, pensa... (LOBATO, 1994, p. 11).

Como podemos perceber, Emília leva o leitor a pensar que ela possui ideias de um verdadeiro filósofo e, por exemplo, no transcorrer de suas memórias conceitua vida e morte de acordo com seus princípios. Enfim, diz coisas que estimulam os demais habitantes do sítio a refletir – o que também acontece com o leitor. A passagem em que a boneca resolve que suas memórias comecem com sua filosofia é ilustrativa a esse respeito:

A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – Viver é isso. É um dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais. [...] A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é Isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.
– E depois que morre? – Perguntou o Visconde.
– Depois que morre vira hipótese. É ou não é?
O Visconde teve que concordar que era (LOBATO, 1994, p. 11).



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

A partir do segundo capítulo da narrativa intitulado como “O Visconde começa a trabalhar para a Emília. Estória do anjinho da asa quebrada”, o sabugo passa a ter a função de escriba compulsório das memórias, enquanto Emília pretende apenas se divertir:

- A estória do anjinho da asa quebrada serve? – indagou o Visconde.
- Ótimo! Ninguém lá fora sabe o que aconteceu por aqui com o anjinho que caeci na Via Láctea. Conte isso e mais outras coisas. O que quiser. Vá contando, contando (LOBATO, 1994, p. 12).

Emília não se importa se as coisas que serão contadas em seu livro realmente aconteceram de fato, mostra-se muitas vezes indiferente ao que o Visconde escreve, já que, no final, é ela quem ganhará fama. Como o Sabugosa fica sem opção, e não pretende ir contra as ideias da boneca, se põe a trabalhar. A partir desse episódio, o sabugo cientista não narra mais o que ela dita, ao contrário, passa a relembrar os fatos e histórias vividas por ele e os demais habitantes do sítio. Assim passa a narrar a história do anjinho da asa quebrada, que Emília trouxe da Via Láctea, descrevendo o estado de êxtase dos habitantes do sítio diante da presença daquele ser celeste:

E havia razão para isso, porque jamais descera ao mundo uma criatura tão mimosa. É até difícil dar ideia da galanteza daquela florzinha das alturas. Muito louro, cabelos cacheados, olhos azuis, asas mais brancas que as do cisne. Como era lindo! Infelizmente uma das asas se partira no ossinho do encontro, o que impedia de voar. Infelizmente para ele; para nós foi felizmente. Se não fosse o quebramento da asa, Emília não o pegaria e nós não teríamos o gosto de conhecer em pessoa aquele mimo dos céus. Uma criatura dos céus não pode saber nada das coisas da terra, de modo que o anjinho se mostrou duma ignorância absoluta de tudo quanto aqui por baixo a gente sabe até de cor. Teve que ir aprendendo com Emília, a professora (LOBATO, 1994, p. 12).

No seu papel de professora, marcadamente paradoxal, a boneca revela o seu impulso criativo e revolucionário. Exemplo disso é o fragmento a seguir, no qual podemos observar a longa discussão que Emília faz para conceituar a língua:

- Oh disse ela – você não imagina como é interessante a língua que falamos aqui! As palavras de nossa língua servem para indicar várias coisas diferentes, de modo que saem os maiores emburlos. O tal cabo por exemplo. Ora é isto, ora é aquilo. Há cabos de



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

faça, de bule, de panela, como eu já disse, que são pontas por onde a gente pegar nesses objetos. Há cabos de geografia, que são terras que se projetam mar adentro. Há os cabos do exército, que são soldados. Há cabos submarinos, que são uns fios de cobre compridíssimos por meio dos quais os homens passam telegramas dum continente a outro por dentro dos mares. E um tal 'dar cabo' que é destruir qualquer coisa (LOBATO, 1994, p. 13).

Ao questionar os usos da língua, verificamos que a boneca reflete sobre os potenciais “embrulhos” de compreensão, o que afinal reafirma as dificuldades do processo de escrita. Essa reflexão, porém, é realizada a partir de registros do Visconde – e é esse jogo que marca uma das tensões do texto: a “disputa” de autoria. Desse modo, podemos afirmar que é nesse jogo de diálogo entre a boneca e o sabugo para tecer as famosas memórias da Marquesa de Rabicó que os leitores desfrutam da imensa criatividade desses seres ficcionais.

É interessante evidenciarmos que após narrar à história do anjinho da asa quebrada, o Visconde de Sabugosa, esgotado das ordens de Emília, acaba expondo a sua visão sobre ela. Provavelmente essa foi umas das formas que Lobato encontrou para expor a sua visão sobre a personagem, evidenciando a riqueza desse ser de brinquedo no conjunto das personagens do Sítio:

Emília é uma criaturinha incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que até espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saídas para tudo. Não se aperta, não se atrapalha. Em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Parece que advinha, ou vê através dos corpos.

Um dia, em que muito me impressione com qualquer coisa que ela disse, propus-lhe esta pergunta:

- Mas, afinal de contas, Emília, que é que você é?

Emília levantou para o ar aquele impicante narizinho de retrós e respondeu:

- 'Sou a Independência ou Morte' (LOBATO, 1994, p. 48).

Ao final da história, Lobato consegue envolver mais uma vez a criança leitora com o texto, por meio da revolução que Emília faz ao descobrir o verdadeiro conteúdo das memórias que foram escritas pelo Sabugo. Quando percebe a trajetória que o Visconde está dando ao texto, ela assume a narração e inventa uma suposta viagem a Hollywood:



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Fomos para Hollywood no 'Wonderland', com toda a criançada inglesa, Peter Pan e o Almirante. E Alice também. Fugi do sítio. Eu já andava enjoada daqueles bolinhos, de pitangueira, de países de gramática. Fugi – fugi – fugi com o anjinho e o Visconde (LOBATO, 1994, p. 50).

Monteiro Lobato consegue direcionar a representação para um final inusitado e duvidoso, já que o fim das memórias ficou sob a responsabilidade de Emília, o que coloca a narração sob suspeita, justamente quando seria o momento para uma maior aproximação da descrição com o vivido por aquela que narra suas memórias.

Assim, podemos concluir que, por meio dos elementos aqui analisados, a seleção realizada por Monteiro Lobato permite que, com Emília, Visconde e as demais figuras do sítio de Dona Benta, as crianças adentrem nesse cenário de magia e encantamento com curiosidade e força imaginativa. Desse modo, ao leitor infantil, tão exigente e perspicaz, torna-se possível vivenciar, com a boneca de macela, suas misteriosas e audaciosas memórias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A teoria da literatura e suas fontes*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

_____. Problemas da teoria da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chaves da época. Trad. Luiz Costa Lima. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. Vol II.

_____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1996.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 4, 1999. 2 v.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 6 ed., São Paulo : Editora Ática, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Philippe Lejeune; organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921. Ed. fac-similar pela Metal Leve.

_____. *História das invenções*. 29. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1955.

_____. *Memórias da Emília*. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

PRADO, Amaya O. M. de Almeida. Circuito confessional na obra infanto-juvenil de Orígenes Lessa. In.: *Caderno do Seminário Permanente de Estudos Literários / CaSePEL – Nº 4*. (junho, 2008). Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2008. 71 p.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.